

O Office of The Coordinator Of Inter-American Affairs e o Instituto Brasil-Estados Unidos em Florianópolis na década de 1940

Camila Goetzinger¹

camila.gtzinger@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: este artigo buscará trazer uma breve contribuição aos estudos relacionados à história de Santa Catarina no contexto da Segunda Guerra Mundial por meio do envolvimento de duas instituições que estiveram presentes em Florianópolis – durante os anos de 1940 até 1946 – e representaram os Estados Unidos no esforço de guerra voltado ao Brasil. As Instituições em questão são o Instituto Brasil-Estados Unidos e o escritório do *Office of The Coordinator Of Inter-American Affairs (OCIAA)*, ambos eram 'filiais' que tinham suas sedes principais no Rio de Janeiro e também estavam presentes em outras regiões do Brasil.

Palavras-chave: Estados Unidos. Florianópolis. OCIAA. Instituto Brasil-Estados Unidos.

Abstract: This paper is an attempt to bring a brief contribution to studies related to Santa Catarina's history in the context of the Second World War by the involvement of two institutions that were in Florianópolis – during the years from 1940 until 1946 – and that represented the United States in the war effort toward Brazil. The institutions in question are the 'Instituto Brasil-Estados Unidos' and the office of the *Office of The Coordinator Of Inter-American Affairs (OCIAA)*, both being 'filials' that had their main offices in Rio de Janeiro and also were present in other regions of the country.

Keywords: Estados Unidos. Florianópolis. OCIAA. Instituto Brasil-Estados Unidos.

O século XX é marcado por ser um período conturbado na história e isso se deve ao fato dos grandes avanços técnicos de que é herdeiro do século anterior, além de fatores de desenvolvimento políticos, sociais e econômicos². Logo em seu início testemunhamos uma guerra de proporções inéditas, que colocaria em xeque muitas das concepções políticas que

1 Agradecimentos ao professor Dr. Alexandre Busko Valim pela disponibilização da documentação pertinente ao artigo, de microfilmes do *National Archives and Records Administration* aqui mencionado como *NARA*.

2 Segundo Hobsbawm: “A história da economia mundial desde a Revolução Industrial tem sido de acelerado progresso técnico, de contínuo mas irregular crescimento econômico, e de crescente "globalização", ou seja, de uma divisão mundial cada vez mais elaborada e complexa de trabalho; uma rede cada vez maior de fluxos intercâmbios que ligam todas as partes da economia mundial ao sistema global. O progresso técnico continuou e até se acelerou na Era da Catástrofe transformando e sendo transformado pela era de guerras mundiais.” In: HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos, o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 1995. p. 91.



determinaram os anseios da modernidade e pouco mais de vinte anos mais tarde novamente o mundo voltaria seus olhares para um conflito mundial ainda mais intenso e devastador em termos de experiência que a humanidade testemunhara coletivamente, a Segunda Grande Guerra.

Quando a Segunda Guerra ganha contornos os países envolvidos passam a buscar possíveis alternativas de mercados, de suporte militar e apoio ideológico e nesse espaço nasce uma disputa específica entre o mercado alemão e o mercado estadunidense sobre o apoio do Brasil. Apesar dos Estados Unidos (EUA) não estarem comprometidos, nem serem afetados inicialmente diretamente pela guerra havia desde o início um 'apoio informal' às nações envolvidas contra o fascismo³.

Os EUA vinham de uma tradição de políticas e ideologias de caráter intervencionista para a América Latina, desde a Doutrina Monroe⁴ que previa a ideia de que a América era destinada aos americanos, e nesse sentido buscava afastar intromissões europeias nas Américas, sob a liderança estadunidense – política do *Big Stick* -. Na década de 1930 os EUA eram um país em expansão econômica e conforme aponta Moura⁵ a ideologia adotada pelo então presidente dos EUA na época, Franklin Delano Roosevelt, significou uma mudança na política voltada ao restante dos países americanos que perdurava desde o início do século, nascia, em sua gestão, a Política de Boa Vizinhança que se caracterizava “pela revogação de métodos coercitivos e pela adoção de negociações diplomáticas e colaboração econômica e

3 Tota indica uma mudança da opinião pública americana logo no início do conflito sobre a neutralidade dos EUA, que de certa forma se posiciona contra o nazi fascismo já em 1940. TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: companhia das Letras, 2000. p. 42

4Influenciada pela antiga ideia de Destino Manifesto, que buscava justificar o 'direito' de expansão e conquista de territórios pelos EUA ideologia essa apoiada numa escatologia cristã; “A América (EUA) é o último esforço da Divina Providência em favor da raça humana, um novo começo de uma civilização nova e mais avançada (...) a casa do homem, que deve se estender às Ondas do Oceano Pacífico. Um Destino amigável e sublime.” (EMERSON apud FERES, 2005, p. 64).” “[...] no caso da doutrina do Destino Manifesto, a assimetria temporal em operação assemelha-se [...] à da escatologia cristã antiga, pelo menos no que tange à valorização da providência divina como chave para se entender a história humana. É claro que [...] a doutrina do Destino Manifesto também faz uso do argumento da superioridade material e moral, [...]. Contudo, essas coisas são interpretadas como sinais, ou expressões de uma superioridade que, mediada pelo aspecto da raça, era divinamente ordenada. Como cruzados medievais, esses americanos concebiam a si próprios como uma vanguarda na terra de uma narrativa histórica sagrada. Diferentemente dos cruzados, contudo, o escopo semântico posto a serviço dessa nova doutrina é rica em elementos raciais, ou porque não dizer racistas.” In: FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru – SP: EDUSC, 2005. p. 67.

5 MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 58



militar”.

A Política de Boa Vizinhança significava uma nova relação que os EUA se propunham⁶ a manter com o Brasil – e com a América Latina – onde se pressupunha o respeito à autonomia dos estados nacionais e ao estabelecimento de políticas comuns de fortalecimento das Américas. É certo dizer ainda que essa ideia não vem desacompanhada da tradicional imposição de metas e ideologias estadunidenses no plano social, político e econômico. Era uma política que, basicamente, resistia mais à intervenção armada e direta em economias e políticas de outros países americanos, mas se investia de novas formas de coerção, baseadas em conversações diplomáticas, em acordos e negociações⁷.

É importante compreender que os novos rumos da política externa estadunidense têm esse novo formato também por conta da conjuntura política e econômica mundial. Moura⁸ aponta o que Green e Gambini argumentam, que:

[...] a política de boa vizinhança respondia também às necessidades de recuperação econômica do país, que exigia mercados externos crescentes para as exportações norteamericanas, além de suprimento de matérias-primas e campo para investimentos. No caso da América Latina, isso significava ação no sentido de incrementar o intercâmbio econômico interamericano”⁹.

Nesse contexto, conforme a historiografia especializada já apontou, o Brasil se insere numa nova conjuntura política, que permite que sejam feitas concessões, que haja uma via de mão dupla nas relações entre o Brasil e os EUA a partir dos interesses e condições inseridas

6 [...] a política da *boa vizinhança*, [...] se fundava nas seguintes idéias: os Estados Unidos tinham abandonado sua política de intervenção na América Latina; reconheciam a igualdade jurídica entre todas as nações do continente; aceitavam a necessidade de consultas periódicas para resolver os problemas que surgissem entre as repúblicas; e concordava em cooperar por todos os meios para o bem-estar dos povos da América”. In: MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*; 7ª edição. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, São Paulo, 1991. p. 17.

7 Bandeira indica que as pressões e intromissões no campo político se mantiveram, embora investidas de novas formas. Em uma passagem traz elementos de uma nota da Embaixada americana, sobre a atitude dos EUA em relação às eleições brasileiras em 1944, onde é possível notar os novos termos de relações estabelecidas ao longo da nova política externa em questão: “Os *Estados Unidos* – acrescentava a nota- *não interviriam, mas esperavam que as transformações se fizessem, pacificamente, e resultassem num governo livre e mais democrático*. A *boa vizinhança* não renunciava a intromissões nos assuntos internos de outro país, ao abuso e às ameaças.” In: BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil* (Dois séculos de História), 2ª. Edição; Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978. p. 414.

8 MOURA, 1980, p. 58.

9 MOURA, 1980 apud Green, 1971, 18-20; Gambini, 1977, 37-42.



no contexto mundial.

Na década de 1930 o Brasil mantinha fortes relações comerciais com a Alemanha que em 1934 figura como principal fornecedor europeu do Brasil, relação que se expande até 1939¹⁰. Para os EUA a relação forte entre o Brasil e a Alemanha constituía séria preocupação – especialmente após a entrada dos EUA na guerra – por no mínimo três razões: o comércio compensado com a Alemanha¹¹, as colônias alemãs no sul do Brasil e o sistema político-econômico brasileiro que em determinadas esferas, dentro da política do Estado Novo se aproximava da Alemanha na visão dos EUA. Nesse sentido poderia haver, no contexto geral, inclinações brasileiras para apoiar e fortificar as relações políticas com a Alemanha e não com os EUA e as relações político-econômicas com o Eixo não beneficiava o esforço Aliado¹².

O Brasil do final de 1930 é caracterizado pela política centralizadora do Estado Novo, de cunho fortemente nacionalista resultante do movimento de busca de saídas nacionais e de privilegiar o mercado interno, solução que se espalha nos países em recuperação após a Depressão de 1929¹³. Figuravam como políticas prioritárias no governo Vargas reformas com

10 Na década de 30 [...] o comércio externo brasileiro dependia grandemente da Europa, que se apresentava como principal fornecedor de produtos industriais. O predomínio europeu nesse terreno manteve-se praticamente inabalado entre 1932 e 1938, correspondendo a cerca de 55% das importações brasileiras. Um ligeiro declínio se fez sentir no início da guerra, quando o volume cai para 47%. destacando-se no início da década como principal fornecedor, a Inglaterra começa a perder terreno para a Alemanha a partir de 1933, sendo rapidamente ultrapassada por esta dois anos após. O período compreendido entre 1936 e 1939, quando ocorre a decretação do Estado Novo, assiste ao apogeu da influência comercial alemã no Brasil, superior por alguns pontos à americana, extinguindo-se porém bruscamente a partir de 1940.” In: GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo, Ed. Símbolo, 1977. p. 105.

11 O comércio compensado com a Alemanha “dispensava a moeda internacional como base de troca de algodão e café por bens industriais. [...] As vendas para a Alemanha deveriam ser pagas com marcos especiais, válidos apenas para compras na própria Alemanha” in: p.107. Era um sistema que 'prendia' o Brasil ao mercado exportador da Alemanha, o que não era necessariamente vantajoso ao Brasil dentro do mercado liberal. “A razão pela qual o sistema de compensação era tolerado prende-se ao fato de que a Alemanha pagava ao exportador brasileiro um preço mais alto que o oferecido no mercado mundial, servindo-se para tanto de subsídios pagos pela sociedade como um todo através de impostos e da contenção interna”. Op. cit. p. 108

12 “O diagnóstico de Washington sobre a América Latina era o seguinte: as Américas Central e do Sul constituíam parte importante dos planos de dominação mundial dos nazistas; além disso, constituíam um campo de colonização potencial, em virtude dos alemães que viviam nessas regiões; esses países tinham sido importantes para o rearmamento alemão, visto que forneceram às indústrias germânicas matérias-primas vitais, por intermédio do comércio compensado ainda mais: muitos desse países centro e sul-americanos tinham suas forças armadas instruídas por missões alemãs e eram alvo de uma propaganda sistemática que procurava criar um antagonismo entre esses países, que enfrentavam novas dificuldades econômicas. Finalmente, as vitórias do Eixo em várias partes do mundo estavam retirando do alcance dos Estados Unidos muitos materiais estratégicos, que poderiam ser encontrados no sul do continente americano. Esse conjunto de circunstâncias exigia maior coordenação de esforços dos vários departamentos governamentais em Washington em relação à América Latina”. MOURA, 1991, p. 19.

13 Cf. CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. Campinas, SP: [s.n.], 1997.



vistas à industrialização, diversificação da economia, maior intervenção do Estado na economia. Ao mesmo tempo desde 1935 o governo brasileiro mantinha uma política externa ainda de cunho liberal – associada aos EUA no Acordo Comercial Brasil-Estados Unidos de 1935¹⁴.

Nesse espectro é possível apontar para uma política que foi característica do Brasil da Era Vargas e que é esboçada por Moura: a política de equidistância pragmática¹⁵, que permitia, por meio da conjuntura política interna brasileira, uma política de barganha e neutralidade em que era possível buscar vantagens da instabilidade conjuntural para obter ganhos ao Brasil como 'potência associada'. Segundo Moura esse posicionamento foi explorado pelo governo brasileiro com relação aos EUA e à Alemanha até o momento em que pôde ser sustentado.

Tota aponta para a atenção voltada dos EUA sobre o Brasil pelo que consideravam ser um 'perigo' alemão. São identificados pelo governo estadunidense simpatizantes do nazismo dentro do governo brasileiro, além do medo de que as colônias alemãs no sul do Brasil configurassem um ponto de apoio ao nazismo e tivesse influência decisória sobre algum posicionamento de apoio ao Eixo¹⁶.

Até 1930 o Brasil presenciava o que se convencionou chamar de República Velha, onde a prática política era a do chamado 'coronelismo' onde a estrutura girava em torno de alianças entre o governo federal com os governo estaduais e desses, por sua vez, com os municípios numa lógica clientelista¹⁷. Em 1930 após o golpe a política de Vargas – que

14 Cf. SIMIS, Anita. O Tratado de Comércio entre o Brasil e os EUA. Revista Neamp. Aurora, 5 : 2009. São Paulo.

15 “[...] minha hipótese mais específica de trabalho é a de que as decisões da política externa brasileira nesse período respondem mais diretamente à dinâmica da *conjuntura* política brasileira. Nesta, por sua vez, ocorre uma completa divisão, tanto nas instâncias centrais quanto nas instâncias inferiores de decisão, e a política externa reflete essa indefinição da luta política (que não se deve atribuir à ‘ambigüidade de Getúlio Vargas’), apresentando-se ela própria como uma política de indefinições, ou de *equidistância pragmática* entre os centros hegemônicos emergentes. Essa equidistância não deve, porém, ser visualizada como uma trajetória retilínea, mas como aproximações alternadas e simultâneas a um e outro centro. É necessário, contudo, estabelecer nuances: essa política equidistante, fruto da própria indefinição na luta política interna, ocorre enquanto os ‘sistemas de poder’ rivais possuem uma capacidade semelhante de acesso ao aliado potencial.” In: MOURA, 1980, p. 62.; Cf. MOURA, Gerson. *Relações Exteriores do Brasil: 1939-1959: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.

16 Cf. TOTA, 2000, p. 88 e Ibid. p. 126. A ideia de envolvimento da Alemanha com setores nacionais e com células alemãs também é apontada por GAMBINI, 1977.

17 Cf. MELLO, André Vinicius Inacio Penna. *O Tio Sam na Ilha de Santa Catarina: o funcionamento do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs de Florianópolis (1943-1944)*. Florianópolis, SC, 2013. p. 44 e



assume o governo provisório – é a de centralização e de valorização nacional. Nesse contexto Santa Catarina é diretamente atingida por meio de prerrogativas federais. Getúlio Vargas opta pela opção de destituir as oposições nos Estados e a oligarquia dos industriais do vale de Santa Catarina é substituída pelos latifundiários da região do planalto, que são ligados à Vargas. A partir da Instituição do Estado Novo e do início da guerra a perseguição à germanidade que era resguardada pelas comunidades alemãs se acentua e, por um contexto de política nacional, aliada ou não ao contexto mundial é possível observar uma dura repressão à 'identidade' alemã e se observam esforços do governo federal de assimilar a cultura alemã à favor da nacionalidade brasileira.

Carone assinala as ambiguidades do Estado Novo, onde ao mesmo tempo que era um estado de características fascistas não estava ligado diretamente em seu corpo de governo nenhum elemento de ligação direta com o Eixo, senão apenas simpatizantes, e suas ações internas obedeciam a uma ordem de razões de segurança caseira. É nesse espaço que identificamos as medidas nacionalistas que se impõem a partir de 1938¹⁸ e se desenrolam em decretos que vão diminuindo os espaços de liberdade e a busca de assimilação das colônias estrangeiras no Brasil.

[...] Um dos problemas estruturais do Estado é a questão das minorias estrangeiras, principalmente as dos italianos e, mais ainda, a dos alemães do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Devido ao isolamento geográfico, estas últimas minorias continuam ter sua cultura e tradição, sem grandes problemas de assimilação¹⁹”.

Essa ressalva de Carone é importante para refletirmos sobre as especulações que giravam em torno do 'perigo' que as colônias estrangeiras, principalmente as alemãs, significavam, mas principalmente de sua significação para o Estado Novo e a forma como essas dissidências eram tratadas e as articulações do Estado Novo em torno disso.

CARVALHO, José Murilo. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão intelectual. In: *Pontos e bordados*: escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

18 Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, conhecida como “Lei da Nacionalização”. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724publicacaooriginal-1-pe.html>>

19 Cf. CARONE, Edgard. *A Terceira República* (1937-1945). Difel- São Paulo – Rio de Janeiro, 1976. p. 161.



Podemos dizer que a convicção estadunidense do sucesso das relações econômicas entre o Brasil e a Alemanha também estava apoiado nas redes de influência alemã por meio das escolas, clubes, associações, centros culturais alemães espalhadas pelo Brasil²⁰. Nesse contexto de política de Boa Vizinhança, de propaganda pan americana e de posterior esforço de guerra contra o Eixo é que surgem ações diretas no campo da criação de associações, institutos e programas estadunidenses voltados a espalhar as ideias do que viria a ser chamado de 'americanismo', ou seja, são criados órgãos voltados a difundir a ideologia liberal democrática na América Latina que fossem capazes de sobrepujar influências ideológicas relacionadas aos países do Eixo. Ainda em 13 de janeiro de 1937 foi fundado o Instituto Brasil- Estados Unidos no Rio de Janeiro e da aproximação com o Brasil que vinha se desdobrando desde então é criado o *Office for Cordinator of Commercial and Cultural Relations between the Americas* em junho de 1940, que em 1941 mudaria o nome para *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA).

Outras questões podem e devem ser apontadas a respeito do amplo processo de 'americanização' que se buscou alcançar no Brasil pelos Estados Unidos. Questões pontuais, por exemplo sobre a importância de absorção pelos EUA da exportação brasileira após o bloqueio inglês à Alemanha a partir da tomada da França pelos nazistas e a importância de 'conter' uma possível desestabilização econômica que pudesse gerar colapsos e desse lugar à políticas que aproximassem o subcontinente americano do nazi-fascismo ou mesmo de propostas socialistas²¹, dentre outros aspectos devem ser melhor observados. Nos deteremos aqui, porém, em tratar da gerência em Florianópolis, dessas duas instituições que fizeram parte do aparato ideológico de propaganda estadunidense no Brasil no período abordado.

O Instituto Brasil-Estados Unidos foi criado com o objetivo de expandir o intercâmbio cultural do Brasil com os EUA²². Na data de sua fundação as relações com o vizinho do norte

20MELLO, 2013, p. 33.

21 Possibilidades que são levantadas por TOTA, 2000, p. 52.

22 Os objetivos do Instituto, no momento de sua criação estão registrados na Ata de Fundação do Instituto Brasil- Estados Unidos e são: “[...] a) Promover [...] a expansão das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos; b) colaborar com as instituições congêneres estabelecidas em outros países do continente americano; c) dar a sua solidariedade aos esforços, devidamente orientados, no sentido de aproximar espiritualmente o Brasil de outros povos deste e de outros continentes” In: *National Archives And Records Administration (NARA)*, microcópia 1515, rolo 35, rolo 13: Registros do Departamento de Estado relativo aos Negócios Internos do Brasil, 1940-1944; Documento decimal 832, 832.43/22 – 832.463/34, Rolo 35, target 1, 832.43, *Sociedades*.



já estavam estabelecidas em determinados pontos. Conforme anteriormente mencionado em 1935 já era acordado entre Brasil e EUA um acordo de comércio entre os dois países e este previa uma série de facilidades de trocas comerciais. No rastro dessas negociações vinham facilidades de entradas de produtos que, dentre outros, também tinham funções de bens culturais – como o cinema, revistas, etc. - que auxiliariam no processo de difusão ideológica estadunidense. A Fundação do Instituto Brasil-Estados Unidos em 1937 nos traz uma pista da importância dada neste momento pelos EUA à questão da propaganda ideológica com vistas ao 'convencimento' e à difusão cultural.

O *OCIAA* era um órgão que foi criado especificamente para tratar dos assuntos interamericanos e continha quatro divisões responsáveis por diferentes setores: comunicações, relações culturais, saúde, comercial/financeira²³. O *OCIAA* no Brasil tinha sua 'sede' no Rio de Janeiro que era dirigida por Berent Friele – o coordenador geral do *OCIAA* era Nelson Rockefeller-, porém o órgão estava espalhado pelo país por meio de subcomitês em várias cidades²⁴ e contava com o apoio da embaixada estadunidense, dos consulados espalhados pelo país e por “um Comitê de Coordenação composto por empresários e cidadãos estadunidenses residentes no país”²⁵.

O Instituto Brasil-Estados Unidos de Florianópolis foi fundado em 27 de setembro de 1941 “representando um sincero e crescente interesse de um grupo de brasileiros proeminentes para aprenderem mais sobre a cultura dos EUA”²⁶, segundo a documentação oficial. O comitê regional do *OCIAA* em Santa Catarina foi fundado em março de 1943 e o presidente do mesmo em Florianópolis era Alcino Fanaya, que também era funcionário da *Texas Co.*, empresa ligada à *Standart Oil Company*, de Nelson Rockefeller, o coordenador geral do *OCIAA*²⁷.

Ambos os órgãos, além de terem sido inicialmente organizados por meio do consulado

23 Para leitura específica sobre o *OCIAA* e sua estrutura interna ver MOURA, 1991.

24 Outras cidades que abrigavam agências do *OCIAA* eram: São Paulo, Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Cf. DUARTE, Adriano Luiz; VALIM, Alexandre Busko. *Brazil at War: Modernidade, liberdade e democracia nos filmes produzidos pelo Office of Interamerican Affairs* (In.) O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. 1ed. Rio de Janeiro/ Multifoco/TEMPO UFRJ/FINEP/CNPq, 2010, v.1, p. 726

25 Cf. MOURA, 1991.

26 *NARA*, microcópia 1515, rolo 35, rolo 13: Documento decimal 832, 832.43/22 – 832.463/34, Rolo 35, target 1, 832.43, *Sociedades*

27 MELLO, 2013, p. 41.



estadunidense de Florianópolis²⁸, mantiveram estreita relação entre si, conforme aponta Mello:

[...] o comitê regional de Florianópolis já nasceu vinculado com o Instituto Brasil Estados Unidos deste município, já que estes funcionários atuavam nas duas instituições e traziam para o OCIAA um *Know-how* de combate aos ideais do Eixo em Santa Catarina, além de utilizarem o espaço do Instituto para realizar atividades do comitê, como por exemplo, exposições de filmes e cinejornais²⁹.

Mello aponta que em 11 de março de 1944 o vice-cônsul dos EUA em Santa Catarina – William Preston Rambo – faz um pedido de material impresso ao presidente do comitê regional de São Paulo sob o argumento de que “era o estado com a maior concentração germânica do Brasil, e para agravar a situação, 10.000 catarinenses habitantes das chamadas 'colônias alemãs' haviam jurado fidelidade ao *Führer* em 1936”³⁰. Antes ainda, no início de 1943 circula um memorando do vice-cônsul em Florianópolis, – dessa vez Reginald S. Kazanjian – que era o diretor do Instituto Brasil-Estados Unidos de Santa Catarina, ao chefe da Divisão de Relações Culturais estadunidenses – Charles A. Thomson – onde ele faz uma espécie de relatório de prestação de serviços diversos sobre o Instituto e aponta a importância da necessidade de expansão no Estado devido ao investimento alemão em escolas, sociedades, cultura e propaganda³¹.

Eu quero mais uma vez enfatizar a importância de expansão aqui. Os alemães devem ter gastado vários milhões de dólares anualmente nesse Estado em suas 500 escolas seculares e religiosas; em suas sociedades,

28 Inclusive em novembro de 1943 o subcomitê do OCIAA de Florianópolis fica sob a direção do vice-cônsul por razão da renúncia do então diretor. Ibid., p. 57.

29 Ibid. p. 54.

30 Ibid. p. 42.

31 O vice-cônsul ainda solicita filmes e literatura instrutiva sobre paralisia infantil – que aponta como sendo um problema recorrente da região – e de outras doenças: “[...] malária, tuberculose, lepra, doenças venéreas, prisões, asilos, escolas correcionais, casas para cegos, penitenciárias [...]” além de material sobre higiene e ética social. Pede livros, dentre os quais “[...] gramáticas de inglês [...]; livros de viagem, estatísticas dos EUA; livros de técnica de arte, música e literatura; de educação nos EUA; mineração; pescaria; indústria têxtil e madeireira; e uma grande quantidade de álbuns para colecionar fotografias dos EUA [...]”, além de trazer várias sugestões para o Instituto. In: NARA, microcópia 1515, rolo 35, rolo 13: Documento decimal 832, 832.43/22 – 832.463/34, Rolo 35, target 1, 832.43, Sociedades



cultura e propaganda. Com a quantia insignificante que eu estimei [no mesmo relatório ele faz um levantamento de custos para a manutenção do Instituto], ou em torno de \$ 10,000, podemos espalhar nossa política cultural Brasil- Estados Unidos como fogo selvagem pelo Estado; [...] Eu também enfatizo que qualquer recuo agora será mais danoso que se não tivéssemos iniciado. O “homem esquecido” aqui insiste em que seja lembrado”³².

Esses apontamentos feitos pelos dois representantes consulares no Brasil trazem, um no início das atividades do Instituto Brasil-Estados Unidos e outro no decorrer das atividades do OCIAA, importantes reflexões sobre a especificidade do Estado de Santa Catarina no contexto nacional e internacional. Fica evidente pelos relatórios, memorandos, cartas trocadas – que também podem ser instrumentos de 'politicagem', manipuláveis dentro dos próprios órgãos estadunidenses por meio dos quais os representantes poderiam buscar vantagens de ascensão ou proveito particular, apesar de não termos claramente nenhum indício que indique que essa prática ocorresse nesse setor³³ – que havia uma preocupação muito evidente a respeito das comunidades alemãs no nordeste do Estado que afetava ao menos os principais responsáveis pela difusão de propaganda – e/ou cultura estadunidense no Estado. É interessante notar a última frase do vice-cônsul, onde ele se utiliza de uma frase que podemos classificar como retórica em busca de favorecimento. O “esquecimento” que menciona parece estar ligado com o fato de que provavelmente ele já tenha se reportado às instâncias superiores estadunidenses em busca de auxílio financeiro e material ao Instituto de Florianópolis e não tenha recebido muita atenção. Aparentemente ele se aproveita da situação particular do Estado de sua atuação para conquistar o material que julga necessário para seu trabalho.

Poderíamos interpretar essa situação como paradoxal, tendo em vista a importância aparente que a região tinha para os EUA, porém a documentação que segue a esse memorando é de vários envios de materiais à Florianópolis. São documentos de pedidos de materiais de Florianópolis aos EUA e dos repasses desses pedidos do Departamento de Estado

32 NARA, microcópia 1515, rolo 35, rolo 13: Documento decimal 832, 832.43/22 – 832.463/34, Rolo 35, target 1, 832.43, *Sociedades*; Todas as traduções inscritas aqui são de tradução literal da autora, sujeitas à novas interpretações e observações.

33 O mesmo problema é apontado por MELLO, 2013, p. 57.



para as diversas Divisões governamentais que possam contribuir com material³⁴ referente à cultura 'americana'³⁵ para serem enviados à Santa Catarina.

Além de termos conhecimento dessa documentação oficial que traz elementos passíveis de interpretação acerca da realidade do início da década de 1940 em Santa Catarina e dos temores dos representantes estadunidenses sobre um 'levante' nazista Tota nos traz informações que foram importantes aos executores da Política de Boa Vizinhança no mesmo contexto e que também atestam da desconfiança sobre as colônias alemãs do sul da América:

Quase 1 milhão de alemães, com fortes motivos para apoiar a idéia nazista de uma grande *Fatherland* germânica, que se estendera por toda a América Latina, era um dado assustador. Os norte-americanos tinham de levar em consideração as várias estratégias propostas para evitar a disseminação do nazismo na região, considerada cabeça-de-ponte para a ocupação do Atlântico Sul pela Alemanha. Dentre as diversas possibilidades que foram aventadas pelo serviço secreto chefiado por “Wild” Bill Donovan, uma delas foi a invasão do Rio Grande do Sul pelos Estados Unidos fosse executada por uma tropa de soldados negros? Nesse caso, seria preciso tomar certos cuidados, pois se tratava de um região onde [...] existe um certo mal-estar no relacionamento entre as colônias de origem alemã e os descendentes de portugueses. Esse mal-estar resulta principalmente das atitudes de superioridade dos alemães, o que provoca animosidade entre os brasileiros [...] Apesar de haver poucos negros e de ainda existir preconceito entre os moradores locais, eles têm orgulho de não fazer distinções de cor. Por isso se ressentiriam diante de qualquer tentativa de impor um *color line*, mesmo que aplicada apenas às tropas de negros estrangeiros que desembarcassem na região³⁶.

A passagem de Tota é muito significativa por demonstrar além de um extremo conhecimento regional das relações dentro do Estado de Santa Catarina e das colônias ali presentes traz aspectos de cultura – de raça/etnia – e traça um elaborado plano para a tomada da região por meios militares se necessário para conter o nazi-fascismo se esse viesse a ter

34 Dentre os materiais que eram pedidos estão: kits de rádio, radio vitrolas, partituras, discos de canções típicas dos EUA, bandeiras dos EUA, fotografias dos EUA, livros de literatura estadunidense, dicionários, pôsteres, etc.

35 O termo 'americano' aqui é utilizado com precaução, tendo em vista não haver intenção de tratar por 'americano' o que se refere ao 'estadunidense'. Há portanto, da parte da autora, o cuidado de usar o termo 'americano' se referindo específica e unicamente ao 'estadunidense' apenas em situações de transcrição, tradução e circunstancialmente ligadas ao contexto onde o termo não possa ser relocado para 'estadunidense'. Cf. BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, ed. 1998.

36 TOTA, 2000, p 88.



preponderância. A 'terra do Tio Sam' tinha conhecimento – informações possivelmente repassadas pelos seus representantes na região – e planos concretos, de alto investimento sobre o assunto.

Apesar da 'ameaça alemã' que pairava na região sul do Brasil Gertz fez um levantamento que indica que não há dados que possam afirmar a quantidade de partidários do nazismo no Brasil, mas que a quantidade máxima de filiados pode ter sido de 5.000 em todo o país³⁷.

Tanto o *OCIAA* quanto o Instituto Brasil-Estados Unidos foram instituições ativas em Florianópolis na primeira metade da década de 1940. Estabeleceram relações com a imprensa local, com rádios³⁸, distribuía cartazes propagandísticos pela cidade, financiaram exibições de filmes em Florianópolis e no interior do Estado³⁹, observavam as publicações da imprensa, organizavam cursos de inglês⁴⁰, etc. Sua atuação se mantém marcada pela colaboração na ilha de Santa Catarina, observamos por meio da documentação que existem interligações e conexões entre os funcionários de ambas⁴¹.

Quanto à questão dos alemães do sul do Brasil representarem ou não um “real perigo” aos interesses estadunidenses de se impor econômica e politicamente sobre o Brasil a conclusão de Mello contempla, de certo modo, as reflexões desse artigo:

[...] o cultivo de traços germânicos era involuntário para maior parte da população teuta, e [...] estas perseguições ocorridas durante as décadas de 1930 e 1940 – que estavam na pauta do *Office* – devem ser compreendidas dentro de uma disputa política que se travava internamente em Santa

37 GERTZ apud MELLO, 2013, p. 43.

38 A rádio Guarujá Ltda, por exemplo, apontada por Mello como sendo uma grande aliada do *OCIAA* no esforço de guerra ideológica na cidade. Cf: MELLO, 2013, p. 60.

39 Ibid., p. 61.

40 Em memorando da Embaixada do Rio de Janeiro para o seu Conselheiro representantes do Instituto Brasil-Estados Unidos apontam, dentre outras coisas para o fato de que existe “cerca de 150 pessoas estudando inglês num estado onde a língua estrangeira predominante costumava ser o alemão”, *NARA*, microcópia 1515, rolo 35, rolo 13: Documento decimal 832, 832.43/22 – 832.463/34, Rolo 35, target 1, 832.43, *Sociedades*.

41 Temos por exemplo, uma autorização e instrução para que sejam comprados os materiais pedidos pelo Instituto a serem pagos pela reserva do *OCIAA* “[...] Todas as despesas decorrentes da compra e do carregamento desse material serão pagas pelo Conselho Americano de Sociedades Aprendizes além dos fundos alocados à isso pelo *OCIAA* para a compra de livros, revistas e outros materiais para uso de institutos culturais nas outras repúblicas americanas.” de William L. Schurz, Assistente chefe, Divisão de Relações culturais; e agradecimento do vicecônsul à funcionários do *OCIAA*, *NARA*, microcópia 1515, rolo 35, rolo 13: Documento decimal 832, 832.43/22 – 832.463/34, Rolo 35, target 1, 832.43, *Sociedades*.



Catarina. Todavia, o “medo alemão” também existia em esferas nacionais e não era de todo infundado, pois havia no Brasil uma tradição do “medo alemão” devido a um possível plano de anexação do sul brasileiro pelo Reich que já pululava desde o século XIX decorrente das políticas imperialistas da Alemanha neste período 70, tradição esta facilmente reavivada entre a década de 1930 e 1940, sendo inclusive um dos motivos para a decretação do Estado Novo. Muitos estudiosos, como René Gertz e Stanley Hilton, refutam veementemente a existência de um plano de invasão alemã, embora este debate ainda esteja em pauta⁴².

O *OCIAA* no Brasil manteve suas atividades até 1946 e o Instituto em Florianópolis também não sobreviveu muito além do pós-guerra. Com a nova configuração mundial a partir do final da guerra em 1945 as relações estabelecidas entre os EUA com a América Latina já estavam bem firmadas e o Brasil tinha se rendido à posição de potência associada dos EUA. No plano político cultural o contexto brasileiro também mudava e os objetivos estadunidenses eram outros, o interesse de reestabelecer as economias europeias se tornam mais importantes e em termos econômicos as vantagens comerciais com o Brasil já tinham sido acertadas até o final da guerra. A manutenção do *OCIAA* e provavelmente de Institutos que já não tinham a importância de outrora podem ter sido facilmente dispensáveis devido às novas configurações que se apresentavam no pós-guerra.

Cercados das reflexões apontadas fica evidente o grande palco de disputas que se encerravam na política da década de 1940, é possível notar disputas desde o plano estrutural à nível internacional – disputa de hegemonias mundiais – até disputas internas nacionais e regionais. Observar a ordenação racional de aparatos burocráticos e organizados governamentalmente por um Estado Nacional na busca por difusão ideológica política e cultural dentro de outro Estado ao qual se busca associar são movimentos que manifestam a particularidade de um contexto mundial cujas características não podem ser ignoradas, pois respondem a uma dinâmica que refletiu – pelas particularidades que encerra, como por exemplo o uso dos meios de comunicação e a instituição da 'informação' pelos mesmos meios como afirmadores de determinadas ideologias e interesses -, sendo explícito ou não, na história e rumos políticos e sociais que dizem respeito à ideologia e história regional, nacional e mundial.

42 MELLO, 2013, p. 47.



Referências

BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil* (Dois séculos de História), 2ª. Edição; Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, ed. 1998.

CARONE, Edgard. *A Terceira república* (1937-1945). Difel – São Paulo – Rio de Janeiro, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. Campinas, SP: [s.n.], 1997.

DUARTE, Adriano Luiz; VALIM, Alexandre Busko. *Brazil at War: Modernidade, liberdade e democracia nos filmes produzidos pelo Office of Interamerican Affairs* (In.) O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. 1ed. Rio de Janeiro/ Multifoco/TEMPO UFRJ/FINEP/CNPq, 2010, v.1, p. 723- 744.

FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru – SP: EDUSC, 2005.

GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo, Ed. Símbolo, 1977.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos, o breve século XX,1914-1991*. São Paulo, SP, Companhia das Letras, 1995.

MELLO, André Vinicius Inacio Penna. *O Tio Sam na Ilha de Santa Catarina: o funcionamento do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs de Florianópolis (1943-1944)*. Florianópolis, SC, 2013.

MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1980.

_____, Gerson. *Relações Exteriores do Brasil: 1939-1959: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Brasília: FUNAG, 2012.



O Office of The Coordinator Of Inter-American Affairs e o Instituto Brasil-Estados Unidos em Florianópolis na década de 1940 – Camila Goetzinger

_____, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*; 7ª edição. Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, São Paulo, 1991.

SIMIS, Anita. *O Tratado de Comércio entre o Brasil e os EUA*. Revista Neamp. Aurora, 5: 2009. São Paulo.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

Recebido em 17 de junho de 2014

Aceito para a publicação em 24 de julho de 2014

